

POROSAS MEMÓRIAS

Carollina Camargo Soares Figueiredo¹

Eventualmente, o tópico que constava em meu plano de aula era reportagem. Lembro que expliquei aos alunos a estrutura deste gênero textual e, em seguida, discutimos a respeito de eleições nacionais e as manifestações populares, temas tratados em uma reportagem de algum jornal. Olhei para o relógio em meu pulso e, muito provavelmente no mesmo minuto, o sinal ressoou em forma de canção, para a surpresa de todos era “Pra não dizer que não falei das flores”. Fim de mais um dia de aula, ao que tudo indicava.

Em minhas reminiscências, enquanto andava do portão da escola até o ponto de ônibus, presenciei uma multidão de manifestantes que deram concretude ao refrão que escutei a poucos momentos: “Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Se não me falha a memória, observei, de um lado, bandeiras vermelhas agitadas, de outro, bandeiras azuis a tremular, e o povo de verde e amarelo pintando as ruas. O ônibus chegou, embarquei. Eu estava sonolenta, logo adormeci. O dia foi cansativo. Depois de uma lombada, abri os olhos! As lombadas, volta e meia, me fizeram retornar para a dura realidade. Tive a sensação de ver da janela uma carreta cruzar a avenida em alta velocidade.

Senti que a partir daquela data o fulgor das manhãs não seria o mesmo, afinal, o transporte público nunca foi (e pelo visto nunca será) o modo mais seguro para se locomover no segundo maior município de São Paulo. Naquele começo de tarde, de algum dia de maio, sofri um gravíssimo acidente, porque o ônibus em que eu estava foi atingido por aquela carreta que vi instantes antes. O condutor, suponho, já exausto, cedeu à fadiga e dormiu ao volante. Ao menos em meus saudosos pensamentos, a exaustão ceifa vidas no trânsito e tira-nos o direito mais fundamental que é, em si, liberdade: o direito à vida. O caminhão desgovernado prensou a parte superior de meu corpo. Minha visão ficou turva, ouvi alguns gritos, em menos de dois segundos, apaguei novamente, a diferença é que agora estou em coma, por isso tantas incertezas nestas memórias.

Recebido em 11 de novembro de 2022

Aceito em 30 de janeiro de 2023

¹ Mestre em Letras pela UNIFESP. E-mail: carolinacfiga@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4928-5804>